

Dirce Eleonora Nigro Solis¹**Resumo**

O título *Glasserías* visa trazer à discussão algumas questões presentes no texto menos acadêmico de Jacques Derrida, *Glas*. Neste texto são colocados lado a lado, em duas colunas, o texto filosófico, representado por Hegel, e o texto literário, coluna Jean Genet. De um lado, a ordem do saber absoluto, de outro, o pensamento transgressor, errante. Este artigo traz, utilizando o contexto de *Glas*, a crítica ao fonofalocentrismo ocidental, representado por Hegel, o contexto da *différance* como possibilidade de deslocamento da ideia de *Aufhebung* hegeliana. Derrida sugere que, por oscilar entre a superação e a conservação, entre a superação e a anulação, pode estar implícita na *Aufhebung* uma ambivalência indecível, uma negatividade desconstrutora.

Palavras-chave: Desconstrução. Logocentrismo. Double bind. Glas. *Aufhebung* hegeliana. Jean Genet.

Résumé

Le titre *Glasseries* vise à apporter à la discussion quelques questions dans le texte moins académique de Jacques Derrida, *Glas*. Dans ce texte sont placés côte à côte, en deux colonnes, le texte philosophique, représenté par Hegel, et le texte littéraire, colonne de Jean Genet. D'une part, l'ordre du savoir absolu, de l'autre la pensée transgressive, errante. Cet article présente, en utilisant le contexte de *Glas*, la critique du fonofalocentrisme occidental, représenté par Hegel, le contexte de la *différance* comme possibilité de déplacement de l'idée hégélienne de *Aufhebung*. Derrida suggère que, comme elle oscille entre la *rendition* et la conservation, entre la *rendition* et l'annulation, peut être implicite dans l'*Aufhebung* une ambivalence indécidable, une négativité déconstructive.

Mots-clés: Déconstruction. Logocentrisme. Double bind. Glas. *Aufhebung* hégélienne. Jean Genet.

Glas (1974) é até hoje o livro mais intrigante de Derrida, apontado às vezes como seu trabalho mais antiacadêmico. Inspirado num texto de Jean Genet sobre Rembrandt, “O que restou de um Rembrandt rasgado em quadrados pequenos e muito

¹Professora do Departamento de Filosofia da UERJ. E-mail: dssolis@gmail.com



regulares, jogado na privada”² e que era dividido em colunas assimétricas, *Glas* de Derrida coloca no mesmo plano de importância o texto filosófico (coluna Hegel) e o texto literário (coluna Jean Genet), posicionando-os um ao lado do outro, sinal que pode ser lido como a destituição da hierarquia logocêntrica. De um lado, o já solidificado saber absoluto, de outro, o errante e imprevisível poeitar de Genet.

Desde o início de sua escrita Derrida assume: “(...) Uma dialética de um lado, uma galáctica de outro, heterogêneas, e, entretanto indiscerníveis em seus efeitos, às vezes até à alucinação”³.

Impossível tentar colocar as duas colunas em paridade, aparentemente não há semelhança alguma entre elas, não há mesmo como comparar o conteúdo de uma e outra. No entanto, Derrida deixa implícita uma relação ambivalente, aporética mesmo, entre as duas. Lê-las? Cada uma a seu tempo, sem justapô-las de modo imediato ou como assemelhadas. Emergem, ao contrário, como *différance*.⁴ As colunas de *Glas* foram impressas uma ao lado da outra, mas com estilos tipográficos, e formatos diferentes. O texto da coluna à esquerda, sobre Hegel, teria sido preparado por Derrida para um seminário em 1971-1972. Mas nesta ocasião, Derrida já tinha em mente o texto sobre Jean Genet, coluna à direita.

A propósito da feitura de *Glas*, o comentário de Benoît Peeters é bastante relevante para a compreensão do cenário de sua composição:

Marcado pelo espírito do tempo, *Glas* pode igualmente ser lido como uma resposta ao *Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari, que tanto o irritara. Pois independentemente das provocações e jogos textuais, Derrida não pretende renunciar ao rigor da argumentação. A coluna da esquerda, a mais contínua é oriunda de um seminário de 1971-1972: deste ele puxa o fio, o da “família Hegel”, desde a sua versão mais biográfica a seus aspectos mais conceituais; o texto propõe uma análise aprofundada de alguns capítulos dos *Princípios da filosofia do direito*. A coluna da direita, muito mais fragmentada, assume uma deriva por toda a obra de Genet, desvelando a onipresença das flores e

²Texto de Jean Genet publicado pela primeira vez na Revista *Tel Quel*, 1967: “*Ce qui est resté d'un Rembrandt déchiré en petits carrés bien réguliers, et foutu aux chiottes*”. Por ocasião do suicídio de seu companheiro, Genet destrói vários manuscritos, dentre eles um sobre Rembrandt, pelo qual nutria uma certa paixão. Entretanto, como ele havia entregue pouco tempo antes dois de seus fragmentos a um editor, eis o que restou do texto. Daí o título em questão. O texto era disposto em duas colunas, uma comentando a outra, de tal modo que dava a entender que toda a palavra é dupla.

³Derrida, Jacques. *Glas*, 1974, p.1

⁴ *Différance* é uma noção derridiana que exprime pela substituição do *e* pelo *a*, o jogo das diferenças trazido pela desconstrução, não perceptível aos ouvidos, mas apenas à escrita, como escritura, portanto, implicando numa mudança radical de sentido. *Différance* e *escritura* são consideradas por Derrida quase-conceitos, no sentido de noções sem fechamento, sem clausura, ao contrário dos conceitos da metafísica ocidental.

por meio delas, do próprio nome do escritor [*genêt=giesta*]; o percurso, todavia, permanece aberto e livre: ao contrário de Sartre em *Saint Genet ator e mártir*- o qual ele ataca em diversas oportunidades-, Derrida jamais pretende fornecer “as chaves” do homem-e-a-obra-completa, sua última significação psicanalítico – existencial.⁵

E segundo Benoît Peters, para ler *Glas*, o leitor terá que descobrir o seu próprio ritmo: “Cabe a ele construir a relação, implícita no texto, entre a família segundo Hegel e a ausência de família em Genet, entre a sexualidade reprodutora teorizada nos *Princípios da filosofia do direito* e o dispêndio homossexual do *Diário do ladrão* ou de *Milagre da rosa*.⁶

Tomando a aparente monstruosidade do livro, que a meu ver terá a capacidade da *monstrosidade (monstrosité)* à la Derrida, neste artigo não irei me deter na análise da coluna Jean Genet, deixo-a para outra ocasião, mas sim em alguns comentários a respeito da coluna Hegel.

Coluna Hegel, portanto: Trata-se ainda, mas não apenas disso, da crítica ao predomínio do *logos* como detentor da verdade com relação à voz da razão humana ou divina (logocentrismo) ou ao falocentrismo, termo inventado por Derrida para denotar a primazia do falo e do *logos* na sociedade ocidental, crítica essa que é tarefa prioritária da desconstrução. A metafísica ocidental para Derrida é fonocêntrica, falocêntrica e logocêntrica. Daí podermos cunhar o termo *fonofalocentrismo*. O fonocentrismo coloca em relevo a palavra falada (*phoné*); sua maior expressão é o “penso, logo sou” cartesiano (a voz presente a si mesma). O falocentrismo subordina ao falo o feminino, a ausência, a fenda, o animal. O logocentrismo subordina a escrita à fala e estabelece as verdades abstratas e universais como fundamento (absoluto) das coisas. A desconstrução irá desestabilizar a hegemonia de cada um desses elementos (voz, falo, razão) na vida e na cultura.

O pensamento logocêntrico tem como base a metafísica ocidental e a desconstrução- com um movimento de inversão da predominância dos pares metafísicos e um conseqüente deslocamento para uma realidade imprevisível ainda-, irá propor a decomposição dos pressupostos metafísicos de toda a tradição filosófica institucionalizada. Assim, a desconstrução tentará minar os fundamentos do sistema hegeliano e seu conceito de *Aufhebung*; incidirá sobre a chamada *metafísica da*

⁵ Benoît Peeters, 2013, p.319.

⁶ Idem, p.320.

presença (termo cunhado por Derrida) e seu conceito de verdade; fará a crítica da metafísica do signo e da binariedade significante e significado implícita na mesma. No fundo, o que a pretensão desconstrutora quer é desestabilizar o logocentrismo dominante no ocidente, o que significa dismantelar seu privilégio como ditador da verdade e ao contrário do que poderia parecer num primeiro olhar, sem intenção explícita de destruí-lo. Desestabilizar, deslocar, mas não suprimir. A supressão seria correspondente à *sup (r) eração* dialética, mas a dialética não é estratégia da desconstrução. Ao contrário, a dimensão afirmativa mais relevante da desconstrução que se desdobra na retórica, e notemos de inspiração nietzschiana, irá privilegiar o caráter aporético e de ambivalência dos fenômenos onde a atividade desconstrutora acontece (filosofia, literatura, linguística, artes em geral etc.).

Glas, com seu significativo subtítulo: “Que reste-t-il du savoir absolu?”, “O que resta do saber absoluto?”, apresenta obliquamente e por um lado, a desconstrução da base sobre a qual se ergueu o conhecimento absoluto:

O que resta hoje, para nós, aqui, agora, de um Hegel? (...) Seu nome é tão estranho. Da águia (*l'aigle*) ele detém o poder imperial ou histórico. Aqueles que o pronunciam ainda à francesa (...) são ridículos só até certo ponto: a restituição, semanticamente infalível, para quem o leu um pouco, um pouco somente, da frieza magistral e da gravidade imperturbável, a águia aprisionada no gelo (*la glace*) e no gel (*le gel*).⁷

A base a ser desconstruída é a metafísica ocidental. O ruir desse saber será anunciado por *Glas*. O significado da palavra em francês é *dobre de finados*, aquilo que dobra e acaba por espelhar a condição de todo valor absoluto que impera no mundo ocidental, especialmente na metafísica. Seu cognato em inglês *glass* (com dois *s*, e cuja sonoridade revela o *s*), significa *vidro, copo, espelho* e traduz o próprio espelhar do *Espírito*, a transparência racional do *Espírito Absoluto* em Hegel, o reflexo e a reflexão filosófica. E há também *das Glas* em alemão, copo, vidro, espelho.

Glas presentifica, entretanto, a fragilidade, a fina sustentação do edifício metafísico no mundo contemporâneo. O dobre de finados anuncia sua morte e em seguida o luto.

⁷ Derrida, Jacques, 1974, p.7. Literalmente “o que de resto”, *quoi du reste*. Derrida refere-se, também, ao modo como se pronuncia, às vezes, Hegel em francês: “*Aigle*”. A diferença entre Hegel e “*Aigle*” é quase inaudível como aquela entre *différence* e *différance*.



Apresenta então, numa segunda versão, a de 1974, uma espécie de embate de Genet contra Hegel, Derrida querendo simbolizar com o dobre a celebração de finados de todas as certezas morais, éticas, semânticas da metafísica ocidental. A pergunta: “O que resta do saber absoluto?”, coloca em cheque não só a história da filosofia, mas ainda a semiótica, a linguística, a psicanálise, a economia política. Mas também pergunta pelo que resta do discurso tradicional sobre a sexualidade, a família clássica, a religião, o Estado, entre outros.

No artigo “Le Puits et la Pyramide”⁸ incluído em *Marges de la Philosophie* (1972), Derrida referindo-se ao signo em Hegel, à semiologia hegeliana, aponta para o signo “monumento-da-vida-na morte”, “monumento-da-morte-na vida”, túmulo, “o duro texto de pedras cobertas de inscrições”, que é a pirâmide.

Glas representa o luto pelo que a pirâmide foi erigida e pelo que ela guarda, o signo como tradição metafísica (ocidental). “A pirâmide se torna o semáforo do signo, o significante da significação”⁹, dirá Derrida. Aporias da morte, portanto, como aporias da desconstrução, o que significa que a morte não preconiza um fim, nem o fim da possibilidade metafísica, nem o fim do ser mortal, o homem. A morte, no entender da desconstrução, ao contrário, é uma insistência na vida, um deslocamento ao por vir.

A inteligência, diz Derrida, conserva em Hegel a interioridade da representação pela *Aufhebung*, retendo as imagens interiorizadas “num abrigo muito sombrio”, “como a água de um poço noturno (*nächtliche Schacht*), não consciente (*bewustlose Schacht*).”¹⁰ A pirâmide será erigida para conduzir desse poço escuro, silencioso como a morte, para a exterioridade (onde mora uma certa luz); isto para dar conta da síntese que é a representação, conforme observa Derrida.

Em *Glas* aparece o *double bind* que em Derrida indica, também a estratégia desconstrutora: por um lado e por outro lado, a dupla coluna que registra uma dupla teoria: de um lado Hegel, de outro, Jean Genet: “Ora, essa dupla teoria (ou dupla coluna que registra a equivalência geral do sujeito ou dos contrários), descreve o texto, descreve-se fingindo expor quadros, “obras de arte” como a suspensão do mesmo

⁸Derrida, Jacques. Le Puits et la Pyramide . in *Marges de la Philosophie* ,1972(a), p.96 . trad O Poço e a Pirâmide publicado em Margens da Filosofia (1991).

⁹ Idem p.96

¹⁰ Id.ibid. p.88.

(*suspens du voire*): permanece para além do verdadeiro e do falso, nem de todo verdadeiro, nem de todo falsa”.¹¹

Erguer duas colunas é um procedimento que traz à tona o falocentrismo, mas possibilita um deslocamento do mesmo, é um procedimento que evoca a dupla ereção, uma *double bind*.

A expressão *double bind* é utilizada por Derrida para nomear uma estrutura dissimétrica que não possui síntese ou superação dialética. O *double bind* será traduzido para o francês ora como *double contrainte*, *double lien*, *double tranchant*, ora como *double bande*, de acordo com o contexto. Poderíamos adotar em português as traduções ‘dupla-ligação, duplo-elo, dupla-borda’, mas todas elas seriam precárias. Em sentido amplo seria uma situação psicológica em forma de impasse. Derrida enfatizará o seu aspecto de decisão impossível, na “afirmação” desconstrutora, retirando-lhe a conotação psicológica. Trata-se de um indecível, portanto.

Do lado esquerdo, temos então, Hegel que compreendia a família burguesa como encarnação do Espírito Absoluto, como a família perfeita onde ao pai cabe o domínio da razão e à mulher as tarefas secundárias de esposa e mãe. Nada a estranhar vindo de um pensador conservador do início do século XIX. As mesmas noções hierarquizantes e discriminatórias do elemento considerado não predominante e subordinado, tal como a mulher neste exemplo, foram desde sempre abraçadas pela filosofia ocidental e são alvo da crítica desconstrutora de Derrida.

Do lado direito, a literatura transgressora de Jean Genet, ladrão, penitenciário, homossexual, exatamente o oposto dos valores da família preconizados por Hegel. Não há como ler as colunas sem suas ligações internas ou margens sendo constantemente abertas uma para a outra. Na coluna Hegel, Derrida enxerta partes das cartas ou documentos pessoais de Hegel ou de seus textos filosóficos; na coluna Genet, surge o diário de um ladrão e sua prosa poética. *Glas* possui fronteiras, bordas, limites, autores e títulos, composição impossível de resultar num texto unificado e regular. Cada fragmento dispõe de começos e finalizações, mas os fragmentos, no plural, que não

¹¹ Derrida, Jacques, 1974, 2ª coluna, p.54 .

perfazem um conjunto homogêneo, são, ao contrário, uma multiplicidade sem unidade. Poderíamos dizer que *Glas* configura um texto e um não- texto ao mesmo tempo.

De um lado a dialética hegeliana é contestada por Derrida. O próprio nome Hegel, que como já vimos, transforma-se em águia (*l'Aigle*) tal como o nome é pronunciado por vezes em francês, querendo dizer a águia da filosofia, a águia da verdade filosófica, da Razão Absoluta. De outro lado, como que desafiando a Verdade filosófica, o jardim e as “flores” de Genet, da prosa- poética, da Literatura. É importante ressaltar que Derrida não visa diluir a filosofia na literatura, nem o contrário; ele nos faz ver o modo como uma pode abarcar a outra, sem que elas se anulem: a filosofia pode conter as metáforas literárias, mas metáfora é também um conceito a ser tratado filosoficamente.

Derrida criticará o logocentrismo hegeliano com relação à conceitualização e à dominação do sujeito, mas ainda o nível semiótico implícito nesta filosofia. A desconstrução quer revelar a ambivalência do discurso filosófico tradicional e o modo como o objeto ambivalente não pode ser submetido a um conceito dominante, privilegiado, ou a um sujeito dominador. A tradição da moderna dialética encarnada pelo pensamento de Hegel, comporta-se hierarquicamente. Afirma Derrida:

A dialética hegeliana, mãe da crítica é primeiramente, como toda mãe, uma filha: do cristianismo, em todo o caso da teologia cristã. Ela aí retorna sem cessar como a seu seio. *Aufhebung* é uma filha-mãe cristã. Ou então: a filha-mãe, a santa mãe cristã se chama *Aufhebung*.¹²

A negatividade especulativa ou *Aufhebung* é traduzida por Derrida como *relève*, rendição ou redenção. Derrida colocará sob suspeita a eficácia das sínteses hegelianas viabilizadas pelo conceito de *Aufhebung*. Irá discutir, então, em *Glas*, os limites da *Aufhebung* enquanto esta reproduz o princípio de dominação. A *Aufhebung* é ainda pensada como contra-força possibilitadora do predomínio da idealização no pensamento ocidental. Temos então que:

O homem possui impulsos [*poussées*] como o animal, mas ele também pode inibi- los, retê-los, freá- los, contê-los. Este poder negativo (...) é aquilo que lhe é próprio. É nele que ele se torna consciente e pensante. O processo de idealização, a constituição da idealidade como meio [*milieu*] do pensamento,

¹² Derrida, Jacques., 1974, 1ª coluna, p.227-228.

do universal, do infinito, é a repressão da pulsão [*poussée*]. A *Aufhebung* é, pois, também, uma contra-pulsão repressiva, uma contra-força, uma *Hemmung*, uma inibição, uma espécie de anti-ereção.¹³

Derrida irá também trabalhar o nível semiótico da *Aufhebung* hegeliana, salientando que ela funciona, pois, como uma idealização metafísica: “A dialética da língua é dialetofágica” ou ainda a língua só se torna significante se negar o significado (sensível, exterior) em vista do conceito, se percorrer o movimento de supressão/conservação de si mesma no conceito. “A *traditio* é a *Aufhebung*”, diz Derrida.¹⁴ Esta discussão presente também na *Gramatologia* é retomada mais tarde em *Le Puits et la Pyramide* em *Marges de la Philosophie*.¹⁵

Para Hegel o processo de constituição do signo é uma *Aufhebung* :

(...) No signo, o significado (exterior) é superado (*relévé*) pela significação, pelo sentido significado (ideal), a *Bedeutung*, o conceito. O conceito supera o signo que supera a coisa. O significado supera o significante que supera o referente [coisa]¹⁶

Derrida irá apontar algumas das incoerências que segundo ele, estão presentes no pensamento de Hegel. Este último iria, em última análise, incriminar certa relação da palavra (falada) à escritura.¹⁷ Já na *Gramatologia*, Derrida apontava o pensamento hegeliano como uma forma extrema de logocentrismo, redutor da totalidade da filosofia ao logos. Segundo Derrida, Hegel “(...) determinou a ontologia como lógica absoluta; reuniu todas as delimitações do ser como presença; designou à presença a escatologia da parusia; da proximidade a si da subjetividade infinita. E é pelas mesmas razões que teve de rebaixar ou subordinar a escritura.”¹⁸

Para Hegel, diz Derrida, a escritura fonética é a *Aufhebung* de todas as outras formas de escritura. Ela coloca-se numa qualidade superior às escrituras não fonéticas. O momento não-fonético é ameaçador da história e da vida do espírito como presença

¹³ Id. Ibid. 1ª coluna, p.34.

¹⁴ Derrida, Jacques, 1974, p.15.

¹⁵ Derrida, 1972 (a), *La Sémiologie Hégélienne*, p 94-113.

¹⁶ Derrida, Jacques, 1974, p.15. A tradução de Derrida para *reléver*, é, entretanto, *render*.

¹⁷ Derrida, Jacques. *Gramatologia*. trad. port, 1973, p.30

¹⁸ Id Ibid, p.30.

de si, “ameaça a substancialidade; esse outro nome da metafísica da presença, da *ousía*”.¹⁹ Paralisado o espírito, para que ele se coloque novamente em movimento, a escritura fonética seria uma necessidade. Neste sentido, a escritura é para o logocentrismo e o fonologismo precisamente uma grande ameaça. Dirá Derrida: “Abre-se, então uma guerra! O “hegelianismo” será a sua mais bela cicatriz!”²⁰

No entanto, Hegel é também o pensador da diferença irreduzível, segundo Derrida, e foi ainda aquele que reabilitou o pensamento como memória produtora de signos.

Derrida utiliza, como podemos observar, certas estratégias do próprio Hegel para criticar o logocentrismo hegeliano e o que ele chama de metafísica da presença. Chega até a afirmar que Hegel introduz no discurso filosófico (de cunho eminentemente socrático) a “necessidade essencial do rastro escrito”, considerando-o “o último filósofo do livro e o primeiro pensador da escritura.”²¹

A *Aufhebung* hegeliana é então dotada de uma ambivalência indecidível, oscilando ora entre a rendição (superação) e a conservação, ora entre a rendição (superação) e a anulação (*Tilgen*). Nela pode estar implícita uma negatividade desconstrutora que é preciso revelar.

O “quase-conceito” *différance*, parece ser deduzido em Derrida da *Aufhebung* pensada como ambivalência radical, como unidade de contrários sem síntese, como aporia.

Porém, a meu ver, Derrida não chega a empreender, como muitos esperavam, a desconstrução integral do sistema hegeliano. E não me parece que seja essa a sua pretensão, mesmo. Ele aponta, sim, algumas ambivalências no movimento dialético, no movimento de interiorização e exteriorização do *Espírito* ou da *Idéia*, questiona a ordem do conceito, a articulação conceitual entre *Aufhebung*, verdade, ser, lei etc. Aponta, pois, aporias em alguns movimentos da dialética nas obras *Filosofia do Direito*, *Ciência*

¹⁹ Id. Ibid, p.32

²⁰ Id. Ibid, p.123.

²¹ Id. Ibid. p.32. O tema do livro é clássico e moderno. Desde Galileu, Hume e Descartes que podemos falar no simbolismo do livro, passando por Rousseau e chegando até à *Fenomenologia do Espírito* de Hegel. Assim, lembra Rousseau, há o de Deus, a Bíblia, além daquele da Natureza. O Livro da Natureza em Galileu; o Grande livro do mundo em Descartes; o Livro do Coração do Homem (novamente Rousseau), o livro do saber absoluto (Hegel) etc.



da *Lógica*, na *Enciclopédia*. O resultado, porém, é evidenciar onde uma filosofia supostamente “sem atalhos” como a hegeliana, em certos momentos se desconstrói.

Tomemos o exemplo da família em Hegel. A subjetividade individual cumpre sua liberdade na universalidade da *Sittlichkeit* (moralidade) que a nega, sendo a família o primeiro dos três momentos deste movimento (família, sociedade burguesa, Estado) e que se desdobra em três outras instâncias que irão realizá-lo, negando-o (casamento, propriedade, educação das crianças). Mas e o bastardo? Há um lugar para ele nesta dialética onto-teológica, questionará Derrida?

Derrida analisa, também, o caso de Antígona que aparece sugerido em Hegel na *Fenomenologia* e na *Estética*. Na tragédia de Sófocles, a família irá conhecer, o que até então lhe era estranho, “o trabalho produtor da universalidade na cidade”²². Antígona representa a transgressão da lei, e é desse modo que Hegel a introduz na *Fenomenologia* do Espírito. Derrida assinala uma desconstrução na escritura hegeliana, a desconstrução do conceito do conceito (*der Begriff des Begriffes*) e o deslocamento para a transgressão, a irmã Antígona.

Quando Polinices é declarado traidor, morto às portas de Tebas, não pode ser sepultado por ordem de Creonte. Este só faz cumprir a lei da cidade. Porém, o pertencimento à família só se faz pela tradição, uma outra lei que neste caso está em contradição com a lei da cidade. O pertencimento à família se faz também através do trabalho de luto, do reconhecimento do morto (instituição da morte, vestuário do morto, velório, arquivo, herança, genealogia, sepultura etc.). No entanto, a autenticidade do ato de Antígona, ser fiel à tradição familiar, a coloca com uma fora-da-lei. A família figura o luto, a economia da morte, a lei do *oikós* (casa, tumba). Assim sendo, Polinices não poderia, pelas leis da tradição, permanecer insepulto. Cabe à mulher lhe proporcionar sepultura: a ereção da sepultura seria obra do desejo feminino, diz Derrida. “A operação familiar e feminina do luto transforma o vivente em consciência e arranca da natureza a singularidade. Ela impede o cadáver de retornar à natureza”²³. Daí todo o ritual de embalsamento, embelezamento, de linguagem e escritura para libertar o espírito da decomposição do corpo. Antígona, irmã, não mulher, e aquela que não terá filhos, terá de sepultar o irmão, mesmo contra a lei e com isso defender a tradição. O desejo de Antígona, para onde é conduzido? Para a sua *soridade*, dirá Derrida. Antígona é a irmã que para defender os laços de irmandade, transgride a lei da cidade. “O limite da relação

²²Id Ibid. p.162.

²³Derrida, 1974,163.



conjugal é o contrário do limite genealógico”. O parentesco, considerando a mulher, é apenas aparente, ela não é do mesmo sangue. Mas, aquele de Antígona é real: o limite genealógico está em contradição com o limite conjugal. Daí, segundo Hegel, a superioridade qualitativa da ligação familiar irmão/irmã, pois ligação sem nenhum desejo. E daí uma ambivalência observada por Derrida no texto hegeliano: “O irmão e a irmã não se desejam um ao outro” (...) “Há, pois, aqui uma relação de consanguinidade que rompe com a naturalidade (desejante).” Esta relação irmão/irmã será a única em que o *para si* de um não depende do outro. “São, pois, parece, as duas únicas consciências que, no universo hegeliano, se relacionam sem entrar em guerra.”²⁴ A coerência do sistema seria mantida somente se chegássemos à conclusão de que não há a relação irmão/irmã, pois toda relação é necessariamente dialética, ou então, não há nem o irmão nem a irmã. Haveria contradição com o sistema de Hegel? Mas, por outro lado, dirá Derrida, não é sempre o elemento excluído do sistema que assegura o espaço do sistema?²⁵

Revelar a negatividade do texto filosófico, caracterizar a desconstrução como aporia, mostrando suas polissemias e tudo que lhe escapa à conceitualização ou à definição unívoca, tal será o intuito de Derrida: “esta singular aporia que se chama desconstrução.”²⁶

A palavra *aporia*, frequente nos últimos textos de Paul de Man, a quem Derrida endereça *Mémoires* (1988 (a)), não pode ser entendida de forma literal, isto é, como ausência de caminho ou passagem, imobilismo ou impossibilidade do pensamento. A dificuldade de ordem racional proveniente de antinomias ou paradoxos não paralisa o pensar. Ao contrário, Derrida lembra que Paul de Man ao remeter à “experiência da aporia”, oferece a alternativa de um caminho e a possibilidade de pensar o impensável ou impensado, ou ainda o im-possível.²⁷ A aporia, prossegue Derrida, é em sua

²⁴ Id *ibid*, 168-169.

²⁵ Derrida, 1974, 183.

²⁶ Derrida, *Mémoires* : Pour Paul de Man, 1988(a), p.133.

²⁷ Id. *Ibid*.p.133. Em *Apories* (1996) , Derrida distingue aporia de antinomia, pois esta última estaria ligada à ordem da lei (nomos),tratando-se de “contradições ou antagonismos entre leis igualmente imperativas”. Para Derrida a aporia é mais que uma antinomia, pois trata-se de uma experiência interminável que é distinta de uma antinomia “aparente ou ilusória”, distinta de uma contradição dialética de tipo hegeliano ou marxista ou uma “ilusão transcendental” da dialética kantiana (cf. *Apories*, p.37).

aparência negativa, “crispação negativa de uma dialética que não encontra o seu caminho ou o seu método”.²⁸

Mas deve ser entendida como condição de possibilidade para a decisão. Assim sendo, o im- possível é ponto de partida e não de chegada.

A indecidibilidade é uma outra forma de aporia, condição de toda a desconstrução, tanto no sentido de condição de possibilidade como de direção ou destino, conforme lemos em *Apories*.²⁹ É nesse sentido que diz Derrida : “L’indécidable n’est pas indéniable”, o “indecidível não é inegável”.³⁰

A verdade absoluta, assim pretende Derrida, apresenta-se, então, como um fantasma. “Glas” do falogocentrismo faz-nos considerar a verdade como o próprio fantasma:

O saber, verdade (do) fantasma (da) filosofia- religião (absolutos), esta proposição não desenha nenhum limite, é a proposição infinita da dialética especulativa hétero- tautológica. Círculo infinito da auto -inseminação que implica a *paideia* de todo seminário (séminaire) em seu fantasma. O que pode haver para além de um fantasma absoluto?³¹

A noção de fantasma é recorrente no texto de Derrida e em *Glas* ele pergunta:

O conceito corrente de fantasma pode, com alguma pertinência, dominar este discurso? Este é de fato determinado por ele, a partir dele. Por exemplo, seria fantasmático o efeito de domínio produzido pela determinação da diferença em oposição (...), da diferença sexual em oposição sexual da qual cada termo garantiria a dominação e a autonomia absoluta no IC³²: o efeito- o filho (mais que a filha) me retorna a mim sozinho.³³

“Glas” do falogocentrismo atesta que “o fetiche não tem mais estatuto rigorosamente decidível”, já que a coisa mesma em sua verdade desvelada, encontra-se

²⁸ Id. Ibid. p.130 (Artes). Em Paul de Man a aporia irreduzível entre alegoria e ironia , performativo e constativo. A palavra aporia, aliás, se impôs a Paul de Man em nome desta última oposição (performativo e constativo).

²⁹ Derrida, *Apories*, 131.

³⁰ Derrida,1974, 2ª coluna. p..252.

³¹ Id. Ibid. 1ª coluna p.252. A palavra seminário (séminaire) utilizada aqui no sentido de seminal (referente a semente ou ao sêmen).

³² Inconsciente tal como abreviado na escrita psicanalítica.

³³ Derrida, 1974, 1ª coluna, 250. A realidade fantasmática, a noção de fantasma , utilizada aqui para expressar o domínio da Ideia hegeliana, é trabalhada em vários contextos da obra derridiana em relação questões da psicanálise, da economia política, do edifício da filosofia ocidental, todos eles devedores de uma certa fantasmalidade.

engajada, por este mesmo desvelamento, no *jogo da diferença suplementar*.³⁴ Fetiche é também uma realidade fantasmática. Assim sendo, a *différance* (como quase-conceito) evoca fantasmas e situa-se para Derrida no limite do processo desenvolvido por Hegel:



Se houvesse uma simples definição de *différance*, ela seria a interrupção, a destruição da rendição (rélève) hegeliana (i.e. *Aufhebung*) onde quer que ela operasse (...). Ênfase a *Aufhebung* hegeliana, tal como é interpretada por um certo discurso hegeliano, pois ele continua sem dizer que o duplo significado de *Aufhebung* [i.e., aquele de negar e conservar ou /como superação] poderia ser escrito de outra maneira. Donde sua proximidade a todas as operações contra as especulações dialéticas de Hegel.³⁵

Em *La Vérité en Peinture* (1978), Derrida refere-se à importância determinante de Hegel na construção da instituição filosófica, da Universidade e das estruturas de ensino na França.³⁶

A necessidade da desconstrução é tomada por Derrida, então, como o “nome próprio Hegel”, na discussão do logocentrismo dominante nestas mesmas estruturas. Porém, diante de uma liquidação geral das conseqüências do pensamento hegeliano tão decisivo para a consolidação das instituições modernas, *Glas* termina, entretanto, por denotar que é impossível congelar Hegel completamente, silenciá-lo ou fazer dele um túmulo.

Estas evidências nos levam a afirmar com Derrida: “Carlos Magno morreu uma segunda vez, mas isso dura e há sempre um Hegel a ocupar seu trono.”³⁷ Derrida relembra aqui a passagem em que Hegel escreve exultante à sua mulher contando que havia sentado no trono de Carlos Magno em Aix-la-Chapelle. Derrida refere-se aí à necessidade de que a desconstrução aconteça no terreno da universidade que possui segundo ele a idade de Hegel. Esta mesma universidade, “universal por definição”, está sempre comprometida com um espaço da negociação relacionado a um Estado particular (prussiano na época de Hegel, napoleônico, burguês, nazi-fascista, social democrata, socialista etc.) Toda universidade segue um modelo de institucionalização hegeliano.³⁸

³⁴ 2ª coluna p.252.

³⁵ *Positions*. Trad. ingl. ,1982, p.40-41.

³⁶ Derrida, Jacques, 1978, p.23. *A verdade na pintura*. cf. também “L’Âge de Hegel” in *Du Droit à la Philosophie*, 1990, p.181-227.

³⁷ “Charlemagne est mort une deuxième fois, mais ça dure et on trouve toujours un Hegel pour occuper son trône”. Derrida, Jacques. “L’Âge de Hegel. In *Du Droit à la Philosophie*, 1990, p.227.

³⁸ Derrida, L’Âge de Hegel, 1990, p. 226.

Glasserías é um título retórico, transverso. Traz a ambivalência do texto de Hegel justaposto ao texto de Genet. Glasserías remete a *Glas*, dobre, mas em inglês e alemão também ao gelo, ao vidro, ao espelho, como já vimos. Glasserías são gestos e atos, posicionamentos, textualidades que como num jogo fazem emergir os diferendos enquanto *différance*. O texto *Glas* remete, pois, ao jogo das diferenças- *différance*, à indecidibilidade (*indécidabilité*), à escritura (*l'écriture*), ao fantasma ou ao espectro como quase-conceitos. *Glas*, enquanto dobre remete à morte, morte do pensamento ocidental enquanto metafísica da presença, remete ao luto e então ao fantasma / espectro do que representou o peso do pensamento hierarquizado, a binariedade hierarquizante do pensamento ocidental.

Também são “glasserías” não apenas o pensar o *glas* gelado, porque inerte, frio como a mortalha, mas também o fogo, o calor, o quente que finalmente serão transformados em cinza. *Feu la Cendre* (1987), cuja tradução aproximada pode ser “Cinza morta”, texto originário de uma referência aos agradecimentos ao final de *La Dissémination*, onde lemos, entre outras, a seguinte frase: *Il y a là cendre*, há cinza ou existem cinzas, fala do esquecimento radical, do rastro (*trace*) como *différance*, refere-se ao que restou após a consumação pelo fogo da presença na metafísica ocidental: “a cinza(o que resta sem restar do holocausto, do queima tudo (*brûle- tout*), do incêndio o incenso).³⁹

A cinza é um indecível, como *Glas* é um indecível, e é evocada em outros textos tais como Schibboleth, ensaio escrito para Paul Célán, outro nome para o holocausto, onde se pode ler: “mas o desejo se exalta (...), louvando ou abençoando a carta dada, uma data que para ser o que é, deve se dar a ler na cinza, no não- ser de seu ser, esse resto sem resto que se chama cinza”.⁴⁰

Todos estes textos, como *Glas*, e outros ainda como *La Vérité en peinture* (1978) com o seu +R, ou *Mes Chances* (1988(b)), que é traduzido como “Minhas Chances”, mas que joga com o significado de *méchances*, maldades, são desmobilizantes dos princípios metafísicos, perfazem uma transgressão trazida pelo dobre e redobre dos sinos para finados, a transgressão do mundo fantasmático do pensamento (do absoluto) dominante no mundo ocidental.

³⁹ Derrida, 1987, p.27.

⁴⁰ Derrida, 1986, p.73.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DERRIDA, Jacques. *De la Grammatologie*. Paris: Minuit, 1967. trad Míriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. *Marges de la Philosophie*. Paris: Minuit, 1972 (a). trad Joaquim Torres Costa e Antonio Magalhães. *Margens da filosofia*. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *La Dissémination*. Paris: Seuil, 1972(b).

_____. *Positions: Entretien*. Paris: Minuit, 1973. trad. ingl. Alan Bass . Chicago: Univ. of Chicago, 1982.

_____. *Glas: que reste-t-il du savoir absolu?* Paris: Galilée, 1974.

_____. *La Vérité en Peinture*. Paris: Flammarion, 1978.

_____. *Schibboleth. Pour Paul Célan*. Paris: Galilée, 1986.

_____. *Feu la Cendre*. Paris: Des Femmes, 1987.

_____. *Mémoires: pour Paul de Man*. Paris: Galilée, 1988 (a).

_____. Mes Chances. In: **KERRIGAN**, William; **SMITH**, Joseph(org). *Confrontations: Derrida*. Paris: Aubier, Flammarion, 1988(b).

_____. *Du Droit à la Philosophie*. Paris: Galilée, 1990.

_____. *Apories. Mourir- S'attendre aux "limites de la vérité"*. Paris: Galilée, 1996.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a Literatura. "Notas" de literatura e filosofia nos textos da Desconstrução*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1999.

PEETERS, Benoît. *Derrida*. trad André Telles. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 1ª edição.

ZIMA, Pierre. *La Déconstruction, une critique*. Paris: P.U.F, 1994.